

LEITURA DINÂMICA

O exército colombiano aceitou realizar operações conjuntas com o brasileiro, mas afirma que o ataque desferido contra os brasileiros na semana passada foi realizado por "bandoleiros" e não por guerrilheiros. Na página 10, Ulysses passa o comando do PMDB a Quéricia e inicia

uma cruzada pelo parlamentarismo. Fleury indica Alaor Caffé para o Meio Ambiente. A Câmara retoma a discussão sobre as MPs e o novo presidente do Incri assume hoje. Nas páginas 12, 13 e 14, o JT mapeia as concessões de rádio e TV existentes no País e mostra que a maioria está nas

mãos de grupos políticos. Enquanto 130 dos 584 congressistas são donos de canais de radiodifusão, o Senado libera mais 64 concessões feitas no final do governo do ex-presidente Sarney, que usou o recurso para presentear amigos e conseguir apoio para ficar cinco anos na Presidência.

Para Colômbia, ataque não foi de guerrilha.

INACIO MUZZI/AE

"Nossa convicção é de que os atacantes eram bandoleiros, ou seja, delinquentes comuns", declarou o comandante da 4ª Divisão de Infantaria do Exército colombiano, major-general Edie Payares Cote, divergindo da versão do Exército brasileiro, de que o posto avançado do rio Traíra foi atacado por guerrilheiros da Colômbia. No ataque, morreram três soldados brasileiros.

A declaração foi dada ao final da reunião dos altos comandos militar colombiano e brasileiro da Amazônia, realizada em Leticia, na Colômbia, na noite de sábado, quando foi assinado um acordo de cooperação militar. O encontro terminou com um êxito relativo para as pretensões do Exército brasileiro. O comando colombiano aceitou a realização de uma operação militar conjunta na fronteira, rejeitando, entretanto, a classificação de "guerrilheiros" para os agressores.

O comando colombiano recusou também o pedido dos generais brasileiros, que pretendiam ter autorização para fazer incursões breves e eventuais no território da Colômbia contíguo à fronteira. Mas os militares do Brasil continuavam insistindo ontem.

Apelo

A convite do general Antenor Santa Cruz, comandante militar da Amazônia, o coronel Tirso Winter Alejo Montalegre, comandante do 18º Batalhão de Engenharia Bejarano Muñoz, do Exército colombiano, acompanhou-o

Para redobrar a segurança, soldados brasileiros cercam o posto de fronteira do rio Traíra com arame farpado. O Exército colombiano não autorizou os militares do Brasil a fazerem incursões em seu território.



numa visita ao posto do rio Traíra. Alejo ouviu novos apelos dos oficiais brasileiros para que as autoridades colombianas autorizem a travessia dos rios da fronteira para garantir a segurança da área. Ele Alejo prometeu retomar o assunto com seus superiores.

O coronel Alejo apresentou um vasto relatório da Inteligência militar colombiana sobre as concentrações garimpeiras nas regiões de fronteira. O relatório é um calhaço de textos e fotos, que relata a organização do garimpo e permite a identificação de nomes e

rostos de uma centena de garimpeiros.

O capitão brasileiro Ivan Carlos Angonese — um oficial experiente em patrulhamentos na área do rio Traíra — não identificou nenhum rosto. Mas confirmou que havia três mulheres no grupo que atacou o posto brasileiro, uma delas chamada Liliane, bastante conhecida entre os garimpeiros da região do "garimpito". Por evidências como esta, o comando militar colombiano está convencido de que a tropa brasileira foi atacada por delinquentes, que

provavelmente aprenderam táticas de guerrilha no convívio com grupos guerrilheiros.

Segundo o coronel Alejo, "guerrilheiros têm motivos ideológicos e sempre deixam prova disso", o que não no ataque ao acampamento brasileiro. Outro argumento é que a Inteligência militar colombiana nunca identificou a ação de guerrilheiros na fronteira com o Brasil. Estes dois argumentos foram citados com insistência na reunião de sábado, deixando bastante irritados os oficiais brasileiros.

General se irrita com denúncias de tortura contra colombianos

"Quando o cara for suspeito, não vai ter tratamento cinco estrelas, não!", afirmou, irritado, o chefe do Estado-Maior do Comando Militar da Amazônia (CMA), general Thaumaturgo Sotero Vaz, ao saber que os quatro garimpeiros colombianos detidos pelo Exército brasileiro, na quarta-feira, e libertados 48 horas depois, estavam se dizendo vítimas de torturas por parte dos soldados acantonados na fronteira. O Exército justificou a prisão com o argumento de que os garimpeiros traziam entre seus pertences uma boina de selva do exército brasileiro e a agenda pessoal de um soldado morto no ataque sofrido pelo posto avançado do Comando de Fronteira do Solimões, na região do Traíra, fronteira com a Colômbia.

Os garimpeiros Helber Martinez, Rubel Calderón, Carlos Moreno e Gerardo Foreiro, que aguardavam, em Leticia, o voo que os levaria de volta a La Pedreira, negaram a existência do material militar brasileiro entre seus pertences e disseram terem sido amarrados, vendados, amordaçados, para sofrer constrangimento físico e psicológico na madrugada de quinta-feira, quando estavam detidos em Traíra. "Temos a consciência tranquila sobre o nosso procedimento", disse o comandante mi-

litar da Amazônia, general Santa Cruz.

O coronel Evandro Pamplona Vaz, citou o repórter da revista *Manchete*, Edilson Martins, como testemunha do vasculhamento feito pelo Exército no barco dos colombianos. O repórter disse que dormiu há cinco metros de distância do local onde estavam os prisioneiros e não ouviu ruídos que indicassem as torturas relatadas pelos colombianos. Ele percebeu que o sargento que vistoriava a embarcação encontrara uma boina do exército brasileiro e uma agenda de endereços. Em seus depoimentos à imprensa, os prisioneiros contaram que durante essa noite ficaram amarrados e amordaçados e não dormiram porque eram chutados, ameaçados com baionetas e, de tempos em tempos, levavam um banho de água fria.

O coronel Vaz afirmou que o garimpeiro Gerardo Foreiro era um suspeito potencial, por ter sido preso pelo Exército brasileiro em outra ocasião, quando garimpava no rio Traíra. Daquela feita, Foreiro teria sido mantido em cárcere em companhia de uma mulher garimpeira de nome Laura que, segundo Vaz, foi identificada por militares do posto de fronteira como uma das participantes do ataque do dia 26.

I.M.